



esculpir a luz
m.r.mello

esculpir a luz

esculpir a luz

o Olho e outros exílios

m. r. mello

ilustrações:
mayla goerisch





pequeno manual para ler poesias de m.r.mello.

primeiro você deve abrir os olhos. no meu caso, como entro aqui todas as manhãs, além de abrir os olhos dou um gole do meu café, amigo que consumo antes até do meio dia. depois deve-se limpar a garganta, descruzar as pernas e, se possível, endireitar - teatralmente - a espinha. e então ler, ler em voz alta, uma, duas ou três vezes para que na quarta vez, já familiar com as palavras você possa senti-lo na língua, que é o lugar mais apropriado para degustar tal tipo de poesia. feito isso, se você afortunadamente é fumante, recomenda-se acender um cigarro (com fósforo) e olhar para o chão ou para o teto, ou até mesmo (aos mais corajosos) para fora da janela. não sendo fumante, como no meu caso, deve-se apenas seguir com o dia, porque parar e olhar pro chão, pro teto ou à janela, pode ser, por falta de melhor termo, fatal.

mayla goerisch

índice

1. allegro troppíssimo para violoncelo, bandolim e cuíca, 11
 2. chorar de rir e vice-versos para trompa e oboé, 17
 3. rapsódia da nostalgia, 21
 4. auto-imolação do silêncio para vinil, 27
 5. arvorar-se, arvorar-se, 31
 6. olhos da mayla, 35
 7. lições preliminares sobre como obstruir o tempo, 37
 8. grande ser: tão veredas, 41
 9. apologia prosaica ao lirismo bronco-dilatador, 43
 10. subepígrafe para pichação, 45
 11. pianíssimo, 47
 12. o olhar das crianças, 49
 13. estudo memorialístico para relicário pagão, 51
 14. esculpir a luz, 55
 15. o Olho, 61
 16. trabalho de parto, 65
 17. batuque indigesto sobre a nova engenharia dos versos, 69
 18. breve discurso em defesa da indecência, 71
 19. de colunas quebradas e galinhas mortas, 75
 20. gato e rato, 81
 21. fuga, 87
 22. lucidez e sombra, 89
 23. o bar está fechado, 97

allegro tro.
pissimo para
violoncelo,
ban-dolim
& lúica



allegro troppissimo para violoncelo, bandolim e cuíca

ao poeta r. ponts e ao seu-meu irmão, rico pontoglio

o poeta desentoca

um violoncelo

e encontra (nas brumas do escuro-incurável-pensamento

a cura

a palavra a rima

o poema

(como se uma fruta aberta em suas mãos caísse

como se comesse a primeira romã

(cada doce-rosácea semente

outra doce-rosácea

melodia

dia-a-dia

meio-dia

ou meia-noite:

a-vida-inteira

ou quem sabe, ainda

antes até do sol

[ou da lua

como se sua música
escrita apenas de estrelas
[e de sorrisos
resplandecesse o silêncio impensável-quase
da eternidade
[que poderia muito bem ser o exato momento
em que se instala o beijo
e não do que se solve a cinza
[vão-carvão dos ossos
destroços
do poeta
que da mais estreita cisterna
brota
vestido de flor, amabilíssimo
saciando assim a sede nos olhos dos meninos-de-colo
colorindo-vindo indo-e-voltando (
sempre lindo
(irradiando em sua amarela corola
esse fatal primeiro piscar dos olhos
depois do intra-uterino brilho
dos ponta-pés gostosos na casa-barriga da mãe
o filho
: ele
o poeta
infinitos pontos de uma ponte cheia de cores

entre o vermelho e o rosa
entre o batom e a boca
das mais delicadas mulheres
quem sabe até flutuar
c
a
i
n
d
ou morrer, flutuando
num allegro troppíssimo
e nunca triste
(por mais que persista a mais sólida insólita solidão
por mais
por mais
que o verde pareça preto
por mais que o preto pareça
a única cor do agora côncavo arco-íris
por mais que Osíris que Elêusis
ou que o próprio irmão sem mito
morra
[terá sido ínfimo, ínfimo
infame
perto de tudo quanto pulsava enquanto havia
na comunicação nossa de meninos

uma sinceridade que escapa ao próprio sentido do tempo
e que cabe nem digo no abraço
mas na singela intenção desse ato
que entre todos me parece o-quase-mais-bonito

[peito-no-peito braço-no-braço
abraço

até fechar definitivamente os olhos

[e dentro deles estampada a mesmíssima alegria
de olhar

o que ficou e que não pode ir não pode, não pode
e então até a saudade se torna plana se torna leve,
sussurro, murmúrio, vapor,
depois calma...

calma...

calma...

morreu fechando os olhos

: viveu abrindo

a alma.

Chorar de
rir e vice-
versos para
tropa e

o o a o a



chorar de rir e vice-versos para trompa e oboé

à laura, meu amor

nenhuma tragédia é mais
ou menos humana,
humanas
são todas as tragédias:

o dia opaco
o opaco abraço
a luz desgarrando
lentamente todas as cores-ecos
como num último piar das flores
sob um sol-sudário perplexo (
e o chão desbotado de beijos
que nem desabrocharam,
calcinados)

veja! veja!
vemos e não sabemos
de onde vêm tantos
lábios

trágicos sem linfa,
exangues
 lábios de velório
 sóbrios
lábios sem licor
 [emparedados
lábios
 sem pares
: astrolábios sem horizonte
 além
de tudo, talvez crepusculares
(as palavras estão sempre se pondo
tristes e tonitruantes
os lábios são
 nós
 as bocas são
ninhos
de estrelas brancas
e dos mais inconstantes passarinhos

(volta e meia mortos em pleno vôo
meia-volta sozinhos em plena morte)

mas além do baque
e do silêncio

lá,
onde o próprio pássaro se
des-en-canta,
brilha
mudo
e
terno
o teu sorriso.

rapsódia da nostalgia

adolescência
é língua tropeçando em língua
lambendo saliva
de hortelã com mel / milhões
de lábios
e aromas e gostos e tecidos moles (
pele com pele, água de bica,
salsuor&lágrima que não espera:
escorre / molha / dissolve
e espalha
pra depois juntar
lado-a-lado, o amor.
juventude
há no leite que jorra do peito
efeito de hormônio, sexo, vitamina C.
: também saudade da infância
do açúcar
das mariposas grudadas no vidro
que é invisível-luz
e o azul lilás da inocência

enquanto tudo que é não É,
simplesmente sorri no café-da-manhã ...
; filosofia dos tatos
e metafísica do abraço enlaçada no afeto:
amigos, amigas,
um sem-fim de amigas
vivas e gostosas
que quase não cabem numa mão;
então só o banho quente
quente orgasmo puro
arrefecendo o pensamento
... a liberdade do arrepio gratuito
e o ledo ato de ser filho ou irmão
quando a solidão é, ainda, à
deriva
porque o quarto está em estado de placenta :
claro do mais claro
:.....: lindo :.....:
o mundo gira e o meu quarto pára:
verde-cama) (sono-cor
das + púberes
mãos que são olhos revolvendo a terra *fofa*
porque toda terra é *fofa*
e a vida um lençol de tulipas,
sons e silêncios colhidos sem pressa

infundindo alento no dia amarelo,

um só caldo de sol.

(...) “adolescência”

é o pó solto no vento ”

sem coágulo

perfumando a sala }

o vermelho que pulsa e que se come cru.

/ espelho ainda espontâneo

e extemporâneo ao tempo

em tempo lasso

das linhas costurando o sangue

ou o gosto novo do caqui que amarra.

é a má poesia escrita no bilhete

entre o olhar e o sêmen

(cereja no escuro,

não maçã)

! é o verbo livre

a borboleta em larva

: eu te amo menina eu te amo : beijou

só por dizer te amo

como se fosse fácil para alguém, dizer...

porque além do moço e da moça

a mocidade, algo pr´além dos deuses

e do que deles, além, deve haver

e há, além disso um além-sempre

um ócio que desossa a alma:
lá a mayla, o thomas
como estão tão perto
do que é mais distante desse tempo
e como é amarga [
sem eles]
a espera que a velhice guarda.
(a velhice que empurra, é física, achata).
então, será, já não seremos
frutos nem sumo
nem o atletismo da natureza
ou batalha do corpo,
apenas retalhos de folhas
onde estavam essas palavras,
varridos como folhas que acumulam no jardim.
e as traças roerão, enfim, nosso cálcio
e o pouco canto que hoje implica ser
dez horas e vinte e um minutos de dois mil e alguma coisa,
porque estamos enovelados nos anos e nos números
escritos a lápis, a lápis, a lápis
rabiscando a íris
e as pupilas-ampolas que são dunas
que em cada grão é uma morte
ensacada e inaproveitável;
voôu-voôu

caiu no mar, virou coral.

– mas ah!... é bela a metáfora da juventude

e o adágio que se assombra dela.

pois é nela, amigos, que retumba o eterno

: é nele que ela dorme,

é dele que ela fala.

AUTO-IMOLACAO
DO SILENCIO



auto-imolação do silêncio para vinil

ao rum tum thom

nunca esquecerei dos tempos
dos ímpetos
(ainda mais novos do que esses
nossos poucos anos
infinítissimos
entre trapos e catraias
atracadas
no úmido aroma da farra
dos urros e dos erros / tão perdoáveis
dos amigos
reunidos em volta
do vinho
ou do cigarro enrolado
em verdades idílicas
(próprias de um paraíso minúsculo e calmo
como os habitantes que dentro dele calmamente se amam...
calmamente
vejo chegando, um por um, vindo acoplar telúricos
os seus bigodes

aos nossos imberbes delírios literários
enquanto um plenisorriso me é cuspidor
no fundo minguante dos olhos, alcoólicos, chispas de Exu
e as senhoras dos apartamentos próximos
a guturalmente expressar seu medo da morte
às 3 e 30 da manhã
(aliás, hora perfeita para um impudico orgasmo
rasgado,
nessa cidade monárquica de onírico concreto
murros e muros numa kuri'tyba grávida de outra lua
[quadrada]
para que não se pareça nada com o cú do mundo
e sim opaca como o clima das conversas do elevador
polar
sobre o ar / na coluna do tempo
tortas vértebras ressoam
um som russo de flautas
[talvez do jazz pulsando
em nossos beijos recheados de fúria
e febre
enquanto sentimos
os dedos lambrecados da sacarose que esvazia a noite
: pérolas negras e víscidas
liquefeitas diante de nossos olhos
repletos de ácido ultralisérgico

(aspergindo
no fervor caótico da juventude
têmperas irrevogáveis de liberdade
(chaleira em que borbulham
todas as ordens possíveis e, principalmente
as impossíveis,
momentos nos quais a luz espontaneamente
se esculpe.



ar vorar-se,

ar vorar-se



arvorar-se, arvorar-se

ao ipê

amarelíssíssima

arvorezinha ipê p

y pequenina como o nome

estático

humano,

abocanhando a luz pelos pêlos do olhos

apesar do dia

a dia pouco propício

ao poema

resisto-resis-res-re-

lembro nesse microinstante todas as

na-mo-radinhas, as sainhas, as punhetinhas

batidas a seco nos becos

da escola [até desaprender

as fodas da vida

: as violetas, as pretas, as roxas

coxas e vulvas envolvendo tudo

o cigarro, o segundo, os paladares sujos, suados

e os preservativos nos ouvidos para ouvir:

Put the blame on Ma-me

rolhas e bolhas-de-saliva disputando
manchas no lençol
eu com meus pés socavados no húmus
ipês dos pés pés (miriápode) enfiados
imóveis em sapatos imóveis
fincado no único possível chão
deste rotundo mundo
azul e branco
tão e tanto, estonteantemente branco
e azul
no sul deste país parecido com o pau-
brasil, país do futebol, país do anis
e do formol
do urinol
do joão gilberto
noll
do sol da cor do ipê
a nos abrasar a pele
a nos inflamar o pensamento
[epidérmica pétala pútala
e eu parado como o açúcar
sem a sapiência do doce no corpo

sem a sapiência do sal na alma
sem a cor – meu caro pé de ipê – que abraça o chão
e sem essa discrição amarela de morrer
dissolvendo-me definitivamente em algum não-lugar
porque os ossos não são sementes e dentes não são pétalas
mesmo aqui onde correm artérias

(que abertas parecem tão lilases

quanto um copo de campari

cheiram, vulgares, a vinho
sabem, sozinhas, a sangue

o dia quando nasce rima
termina poema
definha em memória
renasce em silêncio:

amarelíssíssima muda de ipê p

y perfeitamente

poesia

dentro de um dia

qualquer.

olhos da mayla

verde

ver

ver

verde

lírios

ver

verazes

abertos

floridos

nos mais verdes

fluorescentes

olhos

no mais

ver

deleite

para só assim

verdeveras

(explodindo em verão

as mais verdosas

primaveras

rosas !
orquídeas !
margaridas !
maylas !

para só assim,
do verde
dos teus olhos
ver nascer o brilho
 lírico
 vermelho
 lindo
de todas as luminosas cores.

lições preliminares sobre como obstruir o tempo

descobrir o amor
e cobrí-lo
antes que o tempo
 cubra
 rubro
todo e qualquer sorriso.

descobrir o amor
e seguí-lo
antes que o tempo
 siga
e semeá-lo
até que o tempo
pare entorpecido
frente a microduração perfeita
do abraço mais lindo.

descobrir
o amor
é não ter tempo
e ter
todo o tempo do mundo.



grande
ser:
tão
veredas

grande ser: tão veredas

aceso

o pavio da vida
por um fio
de seda

vaga nonada

lume

lume que vaga
em véus de água
pelo corpo

/ hiato

imperfeito

conceito con-

certo

de células

sonhos

sinapses

“ utópico é pensar
de onde vem

e para onde vai

isso tudo

que fica

e que se multiplica

em formas de cores

mais claras do que a íris

e-efêmeras

como as flores /

fachos

que de tão pulsantemente azuis

implodem

em flocos de luz

ou em bolhas de neve amarela

nos desvãos do solo

e sobre ele

nos sertões da pele

e dentro dela.

apologia prosaica ao lirismo bronco-dilatador

para simone, minha mãe

O meu amor tem um cheirinho verde de grama molhada
de chuva em fim de tarde na chacinha
dos anarquistas
meio meus parentes,
tem cheiro de uva pisada a pé descalço de moça,
de jabuticaba caída madura,
tem cheiro de risada de criança pequena,
lembra, assim, o aroma do carinho
que eu sinto pelo meu tio lá de lonjão,
sentadinho sempre-sempre na cadeira de rodas
e, puxa, tem cheiro de tantas
coisas muitas
que eu ainda nem cheirei, o amanhã, quem sabe.

Porque amor deve ser isso mesmo
um montão de cheiros que se espremem no peito da gente,
que tamborilam dentro da cachola e deixam tudo confuso
e bonito ao mesmo tempo:
Perfeição inquieta. Solidões aglomeradas.

Só que como tudo na vida do povo,
que é humano
e inventa palavras, o amor às vezes se despetala em cheiros
poréns; dúvida espinhada em veludo de flor.
O vento traz e leva pr'outros canteiros, cheiro de lírio
e fedor de machado. Um nariz tem muitas cicatrizes.
Mas a moral da fábula
é que morte só tem cheiro
de verdade pra gente bem viva, pulmões ventilados.
O morto é um cheirozinho escondido abissal
no fundo mesmo da nossa imortalidade.
Aroma que já não existe, sempre igual.
O baluarte dos sonhos, amiga, é a respiração obesa
e sem limites, que empurra o futuro
brônquios abaixo e penetra o casulo da alma,
colhendo germens de esperança à vida.

subepígrafe para pichação

ao meu mano germano

Olhar é repousar sobre a imagem.

Sentir é amá-la em seu repouso.

pianíssimo

ao wagner bitencourt

Estar cego é reinaugurar
nas coisas
o silêncio exato da imagem
e furtar
no interior do belo
o borbulhar da essência;
(melodia e paisagem),
plenitude e supertranscendência
ao virgem pasmo da percepção.

Estar cego é confundir-se
à natureza de tudo
como se um só corpo
infinitamente esparso
espargisse em orquestra
todo o vinho dos corpos,
congregando os sons
e os pássaros
e a leveza do silêncio
quase etéreo das plumas

nos pastos do espaço,
na aquarela azul.

Estar cego é estar mínimo
e repleto,
digno e melancólico
como a imagem de um farol
deserto
que contém, por ser inóspito,
o infinífinimo do horizonte.

Estar cego é espraiar-se
em cada vão do espírito
sem decompor-se
ao rasgo lírico dos olhos
e destilar em cada eco
de cada caverna
(por amar, ao sentir)
o refluir primordial da voz,
o encantamento da palavra,
o canto almiscarado do ser.

Estar cego é estar grávido de luz.

o olhar das crianças

à natália

olho que não é uma bola
olhos que são mais que espelhos /
que esperas :
b
o
l
h
a
s que apenas flutuam
sob o sono aéreo
e o riso das fraldas
nas mãos
do pai
do tio
da mãe
: para assim
prodigiosamente
cumprimentar o mundo
e gozar cada extra-uterino prazer :

estudo memorialístico para relicário pagão

aos de goiânia

meu bisavô Gilberto era forte
como um murro e doce como
um beijo.

seu pai, Alfredo, pôs a Itália
num pote no idos do XX: ajudar a plantar
o Brasil.

e Giba conheceu Maria (Maria Prudente
de Moraes) deserddada pelos pais no delito
do amor.

fugiram. penaram. sempre de mãos dadas.
jamais fizeram fortuna. sempre tiveram – e distribuíram
– ternura.

Maria, a que lembro (já velha)
era magra, pele e osso, mas o olhar e um abraço
de seda.

ela morreu à beira de escalar um século,
no limiar da eternidade. vô Gilberto morreu
em meus braços.

Gilberto era ourives dos ótimos. olho
de gato, mãos de artesão. Maria era uma
pedra preciosa.

velhinhos, pareciam dois lindos lírios
em que se aspira com dó O último perfume,
O mais humano.

me deleitava no sorriso e no segredo
deles. os velhos possuem segredos atrás
das dentaduras (onde os ossos já não estão expostos).

brinquei com eles e beijei suas rugas
como se meus lábios pudessem absorver o tempo
imutável daquelas profundas dobras.

brinquei, beijei e amei com pressa aqueles velhos
carvalhos, jogos que só os velhos e as crianças
conhecem.

nós, as crianças, escondíamos pacificamente o umbigo em nossos bolsos. eles enfiavam a morte numa gaveta que já não se abre.

na efusão do meu sangue, onde um rosto é,
já, a moldura da saudade, guardo junto ao peito
Gilberto e Maria.

vô Gilberto guardo como um murro, um jato de riso.
vó Maria guardo como um beijo.



ESCULPIR A LUZ

esculpir a luz

Fechei meus olhos
e me enraizei.

Fechei meus olhos
em plenivisão.

Fechei meus olhos
e entrei
na contra-mão de uma sombra
confrangindo o pensamento.

Fechei meus olhos
a tempo
e senti.

Fechei meus olhos
e senti muito.

Fechei meus olhos
lassos e amargos

na efígie do dia.

Fechei meus olhos

por estar tatuado
em cada órgão, cada vinco, cada veia
de toda geografia
em que não há fronteiras
nem giz nas estradas.

Fechei meus olhos

aos que escrevem torto
por linhas certas
e ganham.

Fechei meus olhos

por entender que quem nunca perdeu
morrerá derrotado.

Fechei meus olhos

e tive medo.

Fechei meus olhos

porque a inconsciência
de um preenchimento
é a plena consciência de um vazio.

Fechei meus olhos
e escutei meus olhos:
chorei.

Fechei meus olhos
e acordei
de um sono milenar.

Fechei meus olhos
e calei
porque o silêncio umedece as palavras
tão ocas
tão secas
tão tristes
desse prelo tosco
que é a televisão.

Fechei meus olhos
pra dizer que o mito do mitopoeta estava errado:
tudo esvai-se,
nada é vão.

Fechei meus olhos
para aventar minhas mentiras

e essa fanha negação que tenho sido
em tudo.

Fechei meus olhos
também pelo gosto amargo
de ser químico
e estar contido
num ácido desoxirribonucléico.

Fechei meus olhos
como gesto de recusa ao que é evidente
e não por desamor
ao sentido que se enluta
frente ao mundo em ruína.

Fechei meus olhos
por vergonha à propina que se paga
e ao afeto sonogado a quem se ama
pelo simples temor de parecer risível.

Fechei meus olhos
por instinto de sobrevivência.

Fechei meus olhos
pela falência do instinto

e pelo draconiano enterro da razão
na cova rasa das futilidades que se compram.

Fechei meus olhos
para entender a arte de ser possível
ainda que os tapas me cheguem à cara.

Fechei meus olhos
para tapear um cisco.

Fechei meus olhos
ao presentir os meninos sozinhos
que me esticam as mãos
mendigando moedas
no sinal.

Fechei meus olhos
porque há o semáforo
além do sinal
mais vermelho que nunca.

Fechei meus olhos
ao grave luxo de escrever
enquanto um milhão de analfabetos
come nas sobras do meu lixo
a decomposição das palavras.

Fechei meus olhos
à fila do SUS
que está em greve
e ao crime entediado dos moços
que incendeiam índios
num domingo à tarde.

Fechei meus olhos
como um abscesso exposto
no rosto de quem sofre
ou o grito do louco
no silêncio que entretece a dor.

Fechei meus olhos
porque não posso fechar meu corpo.

Fechei meus olhos
por amor,
eu sei.

Fechei meus olhos
do branco mais branco.

Fechei meus olhos
e me enraizei.

BOLA branca
 bordada de anéis
 dilatáveis
retraíveis
[a] longe [A] PERTO
 pisca-pisca
(...) passa o eterno
 interno
 ileso
sem ser visto
sem ser nada,
 pisca-pisca
glóbulo náufrago
 [tem lágrimas, chora!]
ou te vaso
 na ponta da faca,
 gema autista,
 altiva,
retalho fanático do todo
 e de tudo: [matéria,

pisca! pisca! pisca!
enquanto corro
 pisca!
enquanto sinto
 e a flor do ser desflora
pisca!
 que atropelo a imagem
 com as horas
e essa esbórnica de cores
 desfaço(
 dissipo)
 no **preto**
ovário infenso do meu íntimo,
 então pisca!
 eu te redimo
enquanto dorme
 e me confisco teus pecados
tão exteriores
 ao eu que eu sou [
 no silêncio de mim,
olhar transversal,
 pisca!
 ou cuspo-te poeira,
bruxo e máquina do mundo;
 filtro e caçador

do estático
intangível...)...
te espremo
na palma da mão
e a grata suculência
do belo
me escorre entre os dedos;
)lambo e me farto,
(engordo
desse orgasmo que te inebria,
 pedaço orgânico de lua
e louco, oh, olho
 sem saber dos fatos
nos desvãos de dentro
uma velha faísca
 renitente
 ainda
 pisca!
pisca!
 pisca!

trabalho de parto

parto como
quem planta
de fora
pra dentro
da fúria
disforme
do fogo
que (fátuo) afia
a faca que fura
dura feito falo
a flor da palavra

pedra

a pedra da palavra

flor

parto como
quem expulsa a dor
com os fórceps da

v a g i n a

parto

essa detonação do corpo

como a rosa de Hiroxima

: verso natimorto, aborto

da rima

[do riso

em estado puerperal

que arrebatou o juízo

disseco meu peito

[da aorta ao

umbigo]

porque poema nenhum, jamais, nasceu

de parto normal

e assim, no cesariano contato

com cada sanguínea palavra

vejo misturar-se ao ritmo

primal algumas vísceras

do verbo entre átrios

e artérias

no percurso quase prosaico

do triângulo fibroso
ao septo ventricular
até chegar, irrigando róseos tons
ao tom só rubro do coração
acelerado
 acelerado
 acelerado
quizás tomado pelo psicotrópico efeito
de ver-se a si próprio
 pul-sando no papel,
quizás pelo encontro inesperado
e repentino com seu amo
 [que é ironicamente seu resto
e seu rosto ou sua máscara

e nesse mais que colorante-instante
em que o cárdio esparge idéias pela carótida

em que as veias e os vasos mais líricos
– sem misturarem-se aos venosos vãos –
arquejam por pleuras e alvéolos

ofega a máquina humana

e o poema oscila, excitado
como as ondas de um eletrocardiograma.

BONDAS
BOTAS BRITAS
BONDAS
BRITAS
BOTAS BONDAS
BONDAS
BONDAS
BOTAS BRITAS
BOTAS BONDAS
BRITAS BOTAS BONDAS
BONDAS BOTAS
BONDAS BRITAS

BATUQUE INDIGESTO sobre a nova engenharia dos versos

batuque indigesto sobre a nova engenharia dos versos

bondes

botas

britas

todos os sons e todas as cores

juntas

botas

bondes

britas

em todos os vãos de tudo que é vão

há vida

britas botas bondes

um silêncio esconde outro silêncio

grita

bondes britas

botas

pisando no beco da palavra suja a poesia

morta.

breve discurso em defesa da indecência

nem no monástico silêncio dos cegos, nem no escuro
sonoro dos surdos há
mundos tão mudos
ou palavras tão plenas
de nada
e vazias
de sentido
como na língua lânguida&engalanada
desses eruditozinhos
de beira de estrada
[com sua voz sisuda
e semi-tonada
pros nossos ouvidos-palatos
de alfa anal fabetos,
ex-
pulsos
como flátulos
do paraíso
poético

apenas porque o nosso corpo é mais protéico
do que o nosso espírito

ou seria porque o nosso falo famélico
fecunda mais fêmeas que a sua filistéica fala?

declaram que não
sabemos sânscrito nem lingala,
nem grego antigo nem alemão, vociferam
que a métrica
é mais importante que
o nosso tesão e

o dark, dark, dark. they all go into the dark.
até a joana dark
até o clark kent
até descartes
até a pop art é mais cult, oh my heart!

mas
um prepúcio vale mais que um precipício
um boquete vale mais do que um *bouquet*
mais valem duas vulvas voando que um verso na mão
uma suruba vale mais que mil palavras
e um poema, no mais das vezes
não vale nada

pois, senhores, o que gritamos é a vida
e não a regra
 ; nem a que se escreve
nem a que se caga.
 – as palavras, senhores
são águias rapinas
 não trinos da moda;
 e as rimas
 [mesmo as pobres, oh camões!
 são ricas,
quando cantadas com a ponta
 da pica,
 na cadência bonita da
foda.

de colunas quebradas e galinhas mortas

ao meu pai e ao meu irmão

*detrás do poliedro dos seus espelhos, ela possui
fortalezas, truques, rios com répteis, rampas
e inefáveis labirintos nunca vistos por quem só lê.*

cronwell jara jiménez

palavras em marcha
 pelos pastos do papel
trotando tristes trotando
 em rebanhos de versos
 tão divertidos
como a gramática das vacas
 balançando suas pesadas tetas sem nata
 e vísceras sem
ponta nem pata
 : palavrastrastes
 parindo
no escuro claro
 partindo-se
em moléculas de cloro
um cerúleo amaro promontório azul

: nas costas do verbo
as corcundas da verdade
ilógica, ilícita
paralítica,
[estridentemedula]
ela é a pedra oculta
que transforma crânios
em conchas de sangue e
vértebras em arrebol
[que até o sol para ela se aleija
em quentes quebradas nervuras
em cruz
colinas
colunas
rodando cadeiras-de-roda
rodando
os eternos espasmos da palavra
[muda
como a nossa mão
[incomunicável
como a nossa mãe
em silêncio porque naufraga
em palavras de mãe
em silêncio porque nada
em palavras

demais

enquanto tece os no-
velos da pele do próprio filho
nas letras que desfia :

t e t r a p l e g i a o que seria?

sonha-medo-sanha-medo-sonha
ria

se houvesse cama

se houvesse como

acabar com o silêncio

ou regenerá-lo na quinta cervical

ou degenerá-lo na morfina

e escalar a boca

como quem cala uma montanha,

às vezes vale mais a pena

não ter pena

ou depenar a dor

para depois devorá-la à cabidela

como um saturno de Goya,

um pequi de Goyaz,

uma pequena de paquete num puteiro de Ponta Grossa

[ou uma galinha choca

espancada chutada prensada no arame

até a morte farpada por um infante imberbe

que não entende de galinhas

que não entende de sintaxes, concordâncias, morte
[mas que sabe ler a sorte
pelos pêlos das mãos
entre coxas, peitos, asas, comê-las
no óleo quente com alho
[emplumado
nas lapas de palha da família,
o familiar bulício da bóia posta à mesa
sem luto, sem deus nem enigmas
e sem falar do falo
do galo
que se esfola
entre um e outro milho
como a gente esfolava
esmerilhando reverenciando gozando
priapismos da matéria,
a vida em seus contorcionismos é palavra
a fome em sua catequese acéfala é palavra
o sexo em seus rituais ascéticos é
a mais sublime entre as mais triviais manias humanas
quando de novo se abate sobre o ovo
aquela velha paralisia do espírito
e o sol reflete-se apenas
em distantes solipsismos
já sem mergulhos profundos

já sem crianças nem galinhas
já sem famílias, falácias de falos, calos na mão ou línguas
em riste,
só um silêncio murcho que incide
no vazio que vaza
por todos os poros
da palavra.



gato e rato

à avó regina, co-autora

procurei o dia
foragido
em cada esquina
dobrada (com meu afiado corpo
de facão,
cortadas
as cortinas de uma tarde eterna
e o véu negro de uma negra
madrugada
[vadia e voraz
a chupar
o fermento do sol
em brasa
e o silêncio
das antigas pedras
da antiqüíssima
palavra / ou
de nós, nós de nós mesmos
enovelados feito gatos

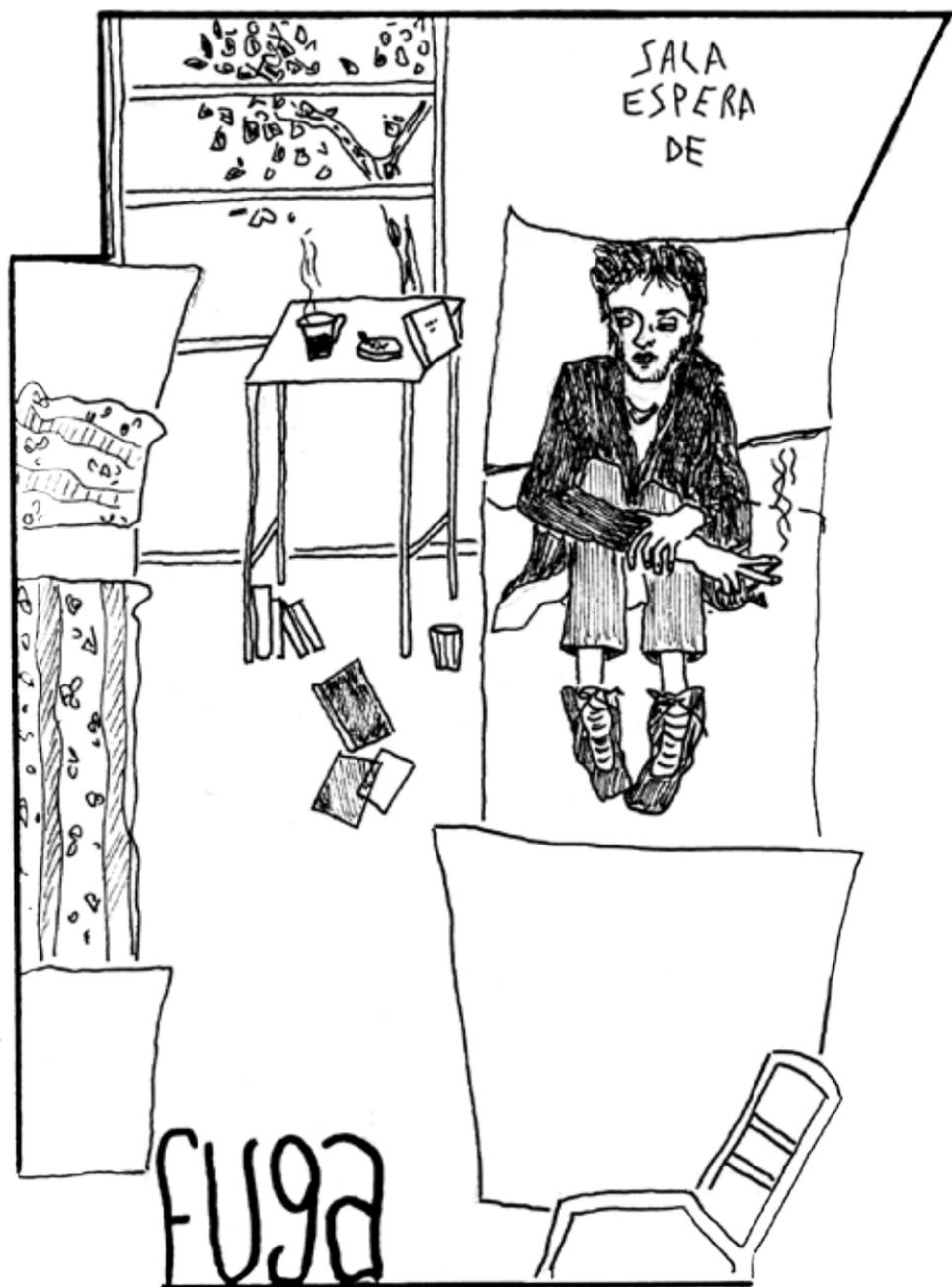
(aos quais por desventura
se lhes arrancasse as garras:
gatos ronroendo como um
rato os restos da sua desdentada
boca
fria lâ lilás
zás, e o tempo trovejando em cada verve-veia
em cada oco
cada buraco / cada uretra / cada metro
de reto
neste monstruosamente sonoro CU
que se abre a cada momento no corpo
: tampo o tempo
com as minhas próprias pernas magras e des-
esperadas pernas de grilo chinês, zás...
corro aos bilhões, aos borbotões
mas é ainda o mesmo tempo
estanque de sempre
cruzando o passado e o presente
[no presente
do futuro (o furo em que os meninos contemplam
o muro)
interpondo-se à minha à sua ainda eternidade /
o hoje, eterno ainda
grávido de todas as demais eternas

tardes
que acabam
cavando
em nossa essência um rombo / um rio
propício à dengue
e outras (tantas) enfermidades tropicais
em que a febre está parada
como a água
e é tão vertical que cresce
indefinidamente ao nada
abrindo e fechando, zás, desgarrando
depois
caindo
em nossa cara
como um punhado de terra morta
misturada à cal
e aos nossos próprios ossos tão
inutilmente duros
[do branco tão mais puro
do sempre ao preto mais escuro
do nunca:
infinito&ínfimo e nós, nós de nós mesmos
? o que é feito, afinal
quando indo, vindo, voltando
tum tum tum o mesmo silêncio retumbando

: o nosso ainda intangível desespero

[mas nada que de tão leve seja insustentável como
ser o não ser

esse ou outro ou outro ou outro ou nenhum desses,
fatal e simplesmente
nós.



SALA
ESPERA
DE

FUGA

do precário silêncio das coisas concretas
do beco interposto entre dois cumes ou duas paralelas
retas
dos lumes desmaiados lado-a-lado em diferentes túneis

e até mesmo de um sepultamento

aberto num dia coalhado de sol e sal
(de um bom dia para um funeral)
nasce tu, ó eder ó
recalcitrante gênio da luz

ausente

do inverno das bruxuleantes lâmpadas

(trajado em paletó surrado

o cigarro

phalsiphicado, a tosse

entre um e outro

trago

e nós

no aconchego hesitante da razão

a lhe censurar burguesamente os hábitos

e a solidão selvagem em cada gesto
de cada sorriso doído e doado apenas para não putrefar
na boca
dessa mesma boca
depressiva e livre
que vive sem saber que vive
e canta sem saber
que encanta.

lucidez e sombra

só na dor entendemos.

carlos nejar

exausto
de tanto ter
vontade
exausto
por quase ser
humano
por quase não
 ser

exausto
do claustro
do silêncio
exausto
do canto
que desaprendeu
seu nascimento
exausto
do parto
exausto

até para o coito,
 pasmem!,
exausto
sim
de sentir
a agressiva exaustão
do tempo
trotando
intransitivo
ultralá
do homem
exausto
 não
dos problemas
das coisas
 em si
mas das verdades
 humanas
exausto
de escrever poemas
apenas
como testemunha
exausto
demais
para todas

as leis
 (transcendentas
ou naturais)
exausto
de ir
de voltar
ao mesmo
entediante
inutilíssimo
 lugar
de sempre
exausto
por não saber
mudar
quem
 sou
exausto
de ser do mundo
ou de estar sendo
 fora dele
a máquina
exausto
 exausto
do novo
do antigo

do eterno
testamento
exausto
do espanto (
 que não há)
e do sorriso
que há
mas que está
velho
exausto
por notar o brilho
e de não vê-lo
sob o ponto
de vista
da luz
exausto
da velocidade
da
veloz
idade
da
saudade
enquanto
 corro
exausto

do verbo

morrer

verso

da vida

exausto

de tergiversar

o amor

amordaçando

o amar,

exausto

exausto

de abrir

e de calar

a boca.

o bar está fechado, irremediavelmente
e a rua vazia e a casa vazia
e um silêncio oculto de cadáveres ocultos
estilhaça a tarde

e essa janela

para além da qual se evola

o apodrecimento

da vida

e as mandíbulas dos homicidas
a roer, sorradeiras
os ossos da infância em lancheiras de plástico

os ecos

no quarto vazio dos filhos que se foram
levando consigo os netos e o passado

enovelado

no frio
das colchas entre tangerinas e a tv à cabo

a contemplar o teto
dos pés
(com a palma dos olhos)
em meias rasgadas e tristes
como se vestíssemos o dia
em pedaços

nó s em pe daç os

no qual apenas o vizinho se dispõe a lavar o carro
(ato profundamente bestial)
para outra segunda-feira rápida e normal
dentro de um qualquer escritório, covil ou
repartição
em que os elevadores trabalham
sem ternura nem bom-dia
nessa engenharia [precariamente] social
dos postos de conveniência

ou igrejas e cameratas e teatros de bonecos
ou shoppings e placas imensas

onde estão estampados SORRISOS ainda mais imensos

que o museu do olho, o cemitério vertical
e a pracinha do chafariz

ali

onde as crianças picham (enfeitam) a estátua do marechal
e o tubão na garrafa de coca

esvoaça

de mão em mão

como o saco de pão
(como um coração de papel)

não batendo

mas zunindo

as vertigens da avenida

há algo que se nos entala na garganta
como uma espinha de peixe
ou um nojo franco e justificado da vida
quando a vida se vê resumida
ao comício dos padres e dos bingos

ao desfile mórbido da mórbida classe
média
em automóveis feios e
música feia

enquanto cantam os canos em via crucis
(dos esquadrões da morte)

torneiras de sangue em que pinga a miséria e a infâmia
pinga como pinga a bÍlis na boca dos

bêbados

o nojo do que se ouve entre os seus
num simples almoço de família
conduzido como se os principais insumos
da existência estivessem
nas prateleiras etiquetadas da despensa
e não no vidro de vinagre
 com que se lava as folhas de alface e o cheiro
verde

como se o molho da vida estivesse nos livros
 de receitas da Provence
e não aqui
no estribo do terceiro mundo
à galope entre os miseráveis
e os travestis (tão mal pagos

e mais bem pagos do que os professores

tão pagãos como os poetas
e a poesia (poeticamente vendida
em varais nos mercados de pulgas

os loucos (ninguém percebeu) estavam
do lado de fora do hospício
e agora mijados como cães
farejando as calçadas e os sacos de lixo

loucos, de ressaca e remela

sem roupa ou remédio
(apenas tocos de cigarro)

livres como todos nós, afinal
em nossos libérrimos delírios de liberdade

enquanto as grades de ferro protegem
o ferro de nossas mentes
e a ferrugem de nossas vozes
de nossas rezas
de nossos ritos
e o silêncio de nossas casas ecoa no silêncio de nossas vidas
varridas do tempo como tudo o que há de mais pueril
debaixo dos tapetes e nos rodapés junto às paredes
cascadas pelo suicídio de tantos dias a fio

[no fio da navalha

a escovar os dentes e a lavar o ânus
e todas as covas, ralos e restos do corpo
porque fora dele há outros corpos

de outros

com os quais se casa/cansa/deita
e morre

se possível

antes do acometimento súbito
de alguma enfermidade lenta e fatal
como a tristeza

ou antes que a tristeza (é tarde)

transforme-se – também – num bem de consumo
ou num patético e melancólico jeito de convencer

-se a si mesmo

de que todo o mundo não vale um níquel

e assim mesmo distribuir moedas

como única e mesquinha forma de compartilhar

esta parca mesada existencial

e uma falta (tão crônica quanto natural)

de preocupações transcendentais.



Cozinha Experimental
cozinhaexperimental@hotmail.com

Editores Responsáveis: Barateza Duran e Manolo Santacruz
Conselho Editorial: Barateza Duran, Manolo Santacruz, Nego Osvaldo,
M. Barbosa e Virginia Rodrigues.
Diagramação: Barateza Duran
Revisão: Manolo Santacruz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M479e

Mello, M. R. (Marcelo Reis de), 1984-

Esculpir a luz : o olho e outros exílios / M. R. Mello ; ilustrações Mayla Goerisch.
Rio de Janeiro : M. R. Mello, 2010
112p. : il

ISBN 978-85-910354-0-3

1. Poesia brasileira. I. Título.

10-2087. CDD: 869.91
CDU: 821.134.3(81)-1

07.05.10 14.05.10 018996

e-mail do autor: m.r.mello@hotmail.com



Alguns direitos reservados. É permitida a reprodução
parcial ou total desta obra, para fins não comerciais,
desde que citada a fonte.

